

HOMENS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPEL: ASPECTOS HISTÓRICOS E DE GÊNERO EM DISCUSSÃO

MICHELE AMARO CAMPELO PRATES¹; **MONICA NOBRE LISBOA**²; **BARBARA ROSA**³; **LAÍS MORALES**⁴; **LILIAN FREITAS**⁵; **HELENARA PLASZEWSKI FACIN**⁶

¹*Universidade Federal de Pelotas – micheleamarocampelo@hotmail.com;*

²*Universidade Federal de Pelotas - monica.lisboa1@hotmail.com;*

³*Universidade Federal e Pelotas – barbara_pires.r@hotmail.com;*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - laispelotas@gmail.com;*

⁵*Universidade Federal de Pelotas - lilianfreitasufpel@outlook.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – helenara.ufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui-se como uma pesquisa de investigação acadêmica, em sua fase inicial, que está sendo realizada na Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) pelas acadêmicas do Curso de Licenciatura em Pedagogia no ano de 2017, com intuito de investigar as implicações das questões de gênero na escolha do curso superior e na profissão docente.

Assim podemos salientar que o gênero envolve expectativas socialmente definidas, de modo que estes modelos *ideais* de gênero construídos pela sociedade parecem influenciar os sujeitos no momento de sua escolha profissional. Dentre os estudos de tal temática, observamos como, por exemplo, cursos da área de humanas tendem a serem escolhidos mais frequentemente por mulheres, bem como cursos mais voltados para a área tecnológica são escolhidos, predominantemente, por homens.

Então, nos dias de hoje ressalta-se os seguintes questionamentos: Em que medida os aspectos históricos do magistério são fatores determinantes no momento das escolhas de cursos e carreiras profissionais? O que leva os homens a se desvencilharem dessas determinações e buscarem um Curso de Pedagogia? E ainda: Que homens são esses que estão presentes no curso de Pedagogia? Quais seus projetos profissionais? Que fatores os levaram a contrariar as expectativas sociais mais amplas e optar por um curso tido como tipicamente feminino?

Portanto, o escopo desta pesquisa é analisar a compreensão da dimensão do gênero na escolha do curso de Pedagogia, buscando verificar como essa dimensão influencia nas decisões dos sujeitos e também quais as dificuldades relacionadas ao gênero que podem ser encontradas ao longo da formação docente. Então, para avançarmos no enfrentamento dessas questões, optamos por analisar um processo de tomada de decisão que pode ser considerado atípico: a escolha do curso de Pedagogia por indivíduos do sexo masculino. Desta maneira, queremos identificar, em relação às questões acima formuladas e a presença de um homem nesse universo feminino, se existem algumas impressões, suposições ou mesmo resistências que permeiam o cotidiano da FaE/UFPel no que tange ao ser homem e aluno de um Curso de Pedagogia, observando, também, os aspectos históricos dessa problemática.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho utilizamos inicialmente o método de pesquisa bibliográfico para adentrarmos no contexto da história da educação brasileira, no processo de feminização e desmasculinização do magistério para, então, compreendermos que fatores levaram os homens a contrariar as expectativas sociais mais amplas e optar por um curso tido agora como tipicamente feminino. Ademais, utilizaremos como procedimento técnico a abordagem qualitativa com o levantamento de dados que será aplicada em formato de questionário com questões abertas e fechadas, sendo que os mesmos serão respondidos individualmente pelos alunos de sexo masculino nos turnos da tarde e noite do curso de Pedagogia/Licenciatura da FaE/UFPel.

Com base nos dados coletados, será analisada a trajetória social dos sujeitos, suas expectativas em relação ao curso, seu perfil social e cultural e o seu percurso escolar até a tomada final de decisão pela Pedagogia. Cabe salientar que a definição desse objeto de estudo justifica-se, principalmente, pelo fato de ser a escolha desse curso por homens estatisticamente improvável, o que se configura num caso propício para a discussão do gênero na escolha do curso superior, uma vez que a partir da exceção à regra as pressões sociais podem se revelar de maneira mais clara.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados, podemos relatar, através da pesquisa bibliográfica, que historicamente a Educação Brasileira sofreu modificações significativas em relação ao gênero no que diz respeito aos cursos superiores em Pedagogia. Isto fica evidenciado dentro do contexto histórico que a formação docente se constitui, pois desde o início da história da educação no Brasil, partindo do ano de 1549, com a vinda dos jesuítas, até o final do século XIX, a profissão docente era representada pela figura do homem como sendo um exemplo para a conduta das crianças e referência para a formação do caráter. Sendo assim, a educação constituía-se numa ação marcadamente masculina, pois era feita por homens e para homens, visto que o acesso das mulheres à educação não era assegurado. (ROMANELLI, 1999)

No que se refere à escola enquanto espaço profissional é preciso considerar ainda que essa vivesse historicamente uma interessante inversão relacionada ao sexo de seu corpo docente. O ensino, que em seus primórdios era uma função exclusivamente masculina (somente os homens detinham o conhecimento), paulatinamente vai se tornando um campo de trabalho e formação prioritariamente feminino. A partir da década de 1860, há um rápido crescimento do número de mulheres no magistério. Tal processo se estende desse período ao início do século XX. (SAVIANI, 2008)

A inserção das mulheres na atividade docente, não se deu de forma favorável, mas envolveu discussões e contestações. Esse impacto tal como aconteceu com a generalização do masculino basearam-se na lógica científica e na noção de natureza, que apoiava a compreensão a respeito das diferenças entre os gêneros à época. Alguns departamentos sociais ancorados nos discursos jurídicos, médico e psicológico ressaltavam que entregar a educação das crianças para as mulheres seria uma *insensatez* em virtude das mesmas possuírem um cérebro pouco desenvolvido em função de não *usá-lo*. Outros departamentos, no entanto, reconheciam a natural projeção da mulher para o trato com as crianças e justificavam o argumento de que bastava pensar o magistério como uma

continuação da maternidade, para compreender que este não romperia a função feminina fundamental, ou seja, a função dona do lar.

Com a introdução das mulheres no magistério aconteceu uma desqualificação e desvalorização, através do discurso da falsa igualdade ao gênero, duvidando de suas qualidades profissionais e visando o papel feminino como um suposto *dom* de um comportamento emocional e moral. BRUSCHINI & AMADO (1998, p. 07) afirmam que:

Historicamente, o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam quem, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado à idéia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente.

Assim historicamente se deu a Educação no Brasil, de modo que ainda perpassa essa prevalência feminina no magistério e até mesmo em cursos de formação de professores como o Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas no qual há uma predominância de mulheres em relação aos homens.

Com base na análise dos dados, apresentamos alguns resultados neste texto, tais como: 70% dos homens graduandos do curso de Pedagogia da FaE/UFPel já tiveram experiências profissionais na área da educação e não tiveram dúvidas na hora da escolha do curso, sendo os outros 30% sem experiências profissionais na área de educação e com dúvidas na escolha do curso; quanto a área que pretendiam atuar depois da conclusão do curso obtivemos as seguintes respostas: 60% na universidade/ensino superior e 40% na educação infantil, mostrando estes uma preocupação com o preconceito que existe em homem lecionarem na educação infantil. As respostas foram unâimes em acharem que não sofrerão nenhum tipo de preconceito ou repreensão na universidade por serem homens em um local frequentado em sua maior parte por mulheres. Também ressaltaram sua boa convivência com as colegas e que estão muito satisfeitos com o curso.

4. CONCLUSÕES

Com essa pesquisa nossas inquietações foram contempladas. Também, buscamos contribuir para a ampliação de debates sobre gênero que provoquem a desconstrução das ideias cristalizadas e de funções naturalizadas de que o curso de Pedagogia é destinado apenas para as mulheres, pois há uma necessidade de se pensar e promover discussões, sobre tal temática no processo de formação de professoras e professores, que se consolidem com uma conquista curricular que possibilite uma mudança de paradigmas, ou seja, de atitudes e concepções na prática docente.

A discussão não se esgota por aqui, pois com a realização e a análise dos questionários dos estudantes homens do Curso de Pedagogia conseguiremos problematizar questões e as experiências que serão relatadas durante o semestre, seguindo por outras direções a fim de compreender a temática.

Por tudo, nosso compreender abandona a pretensão de dominar completamente o assunto, pois como destaca LOURO (2007, p. 238), “a tarefa de conhecer é sempre incompleta, sem fim”, de modo que não nos satisfaçamos com respostas ou soluções imediatas. Assim, esperamos que os nossos empenhos na edificação dessa pesquisa possam contribuir para a manutenção de uma insatisfação constante, nos possibilitando refletir além de conclusões de um texto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUSCHINI, C.; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.64, p.4-13, fev./1988.

CARVALHO, Marília. Vozes masculinas numa profissão feminina: o que tem a dizer os professores. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.6, n.2, p.406-422, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, Sociedade e Culturas**, Cidade do Porto, n. 25, 2007. Disponível em: <<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 22. ed. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 1999.

SAVIANI, Dermerval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.